

- 1) Deveria **Bernardo** ter pedido autorização de **Ana** para substituir o campo de ténis pelo campo de futebol? (4 valores)

Ana e **Bernardo** estavam casados no regime da comunhão geral de bens (1732.º e seguintes). O caso não dá indicação sobre se **Bernardo** obteve o consentimento de **Ana** para a aceitação da herança; contudo, esse consentimento não era necessário, nos termos do artigo 1683.º/1.

Não se tratando de um caso em que houvesse qualquer cláusula de incomunicabilidade, o terreno era um bem comum do casal (1732.º). É certo que a transformação do corte de ténis em campo de futebol se pode analisar como acto de administração extraordinária, e que, por regra, esse tipo de administração deve ser levada a cabo conjuntamente quando se trate de bens comuns (1678.º/3). Porém, tratando-se de um bem que, embora comum, foi herdado exclusivamente por **Bernardo**, era a este que em exclusivo competia a administração do terreno, nos termos da alínea c) do artigo 1678.º/2. Nessa medida, a resposta à questão era negativa.

- 2) Pronuncie-se sobre a titularidade da vela da Zara Home, explicando se **Ana** poderia ter trocado o pijama sem o consentimento de **Bernardo**. (4 valores)

Apesar de **Ana** e **Bernardo** estarem casados em regime de comunhão geral de bens, o pijama era um bem próprio de **Ana**, nos termos do artigo 1733.º/1/f). Trata-se de um bem que, pela sua natureza pessoal, é considerado pela lei como incomunicável. Nessa medida, **Ana** tinha o poder de administrar o pijama (1678.º/1), e não carecia do consentimento de **Bernardo** para o devolver (1682.º/2). No que respeita à titularidade da vela, deveria ser ponderada a aplicabilidade do artigo 1723.º/a), por remissão do artigo 1734.º: na medida em que foi obtida por troca directa com o pijama, e numa lógica de sub-rogação, a vela poderia ser considerada como bem próprio de **Ana** (v. Margarida Silva Pereira, *Direito da Família*, p. 502; Jorge Duarte Pinheiro, *O Direito da Família Contemporâneo*, p. 421). Será, porém, valorizada a resposta que, fundamentadamente, considere que a remissão do artigo 1734.º não abrange o artigo 1723.º, e que, como tal, a vela é um bem comum (1732.º).

- 3) Pronuncie-se sobre o fundamento, a legitimidade da mãe de **Bernardo** e o prazo para intentar a acção de anulação do casamento de **Bernardo** e **Cristina**. (3 valores)

Enquanto mãe e filha, **Ana** e **Cristina** eram parentes no primeiro grau da linha recta (1580.º e 1581.º/1). Por força do casamento entre **Ana** e **Bernardo**, este e **Cristina** tornaram-se afins no primeiro grau da linha recta (1584.º, 1585.º, 1580.º e 1581.º/1). A morte de **Ana** teve como efeito a dissolução do casamento com **Bernardo**, mas não o da cessação do vínculo de afinidade entre este e **Cristina** (1585.º). Nessa medida, havia um impedimento dirimente relativo ao casamento entre **Bernardo** e **Cristina** (1602.º/1/d). Por conseguinte, o casamento era anulável (1631.º/a)). A mãe de **Bernardo**, **Fátima**, enquanto parente daquele no primeiro grau da linha recta (1580.º e 1581.º/1), tinha legitimidade para intentar a acção de anulação, nos termos do artigo 1639.º/1. Estava também dentro do prazo legal para o efeito, visto que, nos termos do artigo 1643.º/1/c), a acção de anulação pode ser proposta durante todo o período do casamento e até seis meses após a sua dissolução.

- 4) Tinha **Cristina** razão para, já depois da anulação do casamento, pedir a anulação da venda do apartamento do Porto? (4 valores)

Tendo **Cristina** e **Bernardo** casado sem convenção antenupcial, o regime de bens aplicável ao casamento era o da comunhão de adquiridos (1717.º). Nessa medida, o apartamento do Porto era um bem próprio de **Bernardo**, por força do artigo 1722.º/1/a). A sua administração cabia a **Bernardo**, nos termos do artigo 1678.º/1; contudo, enquanto bem imóvel, só poderia ser alienado com o consentimento de ambos os cônjuges (1682.º-A/1/a)). Tendo **Bernardo** vendido o apartamento sem o consentimento de **Cristina**, o acto de alienação era anulável, nos termos do artigo 1687.º/1, e **Cristina** estava dentro do prazo legalmente previsto para intentar a acção de anulação (1687.º/2).

Contudo, o casamento entre **Bernardo** e **Cristina** foi anulado, tendo em geral a anulação como efeito o de destruir retroactivamente os efeitos do acto anulado (289.º CC). Sem o casamento, **Bernardo** não precisaria do consentimento de **Cristina** para alienar o apartamento. Resta, portanto, apurar se poderiam ser invocados os efeitos do casamento putativo, nos termos dos artigos 1647.º e seguintes. O regime relativo à alienação de bens é comumente referido como exemplo de “reflexo das relações havidas entre os cônjuges”, para os efeitos do artigo 1647.º/2 (Margarida Silva Pereira, *Direito da Família*, p. 436; Jorge Duarte Pinheiro, *O Direito da Família Contemporâneo*, p. 491); isto é, um dos casos em que o

cônjuge pode arrogar os benefícios do estado matrimonial e opô-lo a terceiros é o da invocação das normas relativas à alienação de bens do casal. Porém, para que isso possa suceder é necessário que o cônjuge em questão tenha celebrado o casamento de boa fé, o que pressupõe a “ignorância desculpável do vício causador da nulidade ou anulabilidade” (1648.º/1). Só existe ignorância do vício quando o cônjuge desconhece o próprio facto causador da invalidade (Margarida Silva Pereira, *Direito da Família*, p. 433), e não quando, estando ciente do facto, desconhece o regime jurídico correspondente. Nessa medida, **Cristina** (como **Bernardo**) não estava de boa fé, porquanto tinha consciência de que Bernardo tinha sido casado com a sua filha (independentemente de saber ou não que essa circunstância gera afinidade, que a afinidade não cessa com a dissolução do casamento por morte, e ou que a afinidade na linha recta é um impedimento matrimonial). Por conseguinte, **Cristina** não tinha fundamento para pedir a anulação do negócio.

- 5) Imagine que, no dia de hoje, **Cristina** e **Bernardo** estão em desacordo quanto ao infantário no qual será inscrita **Anita**. **Cristina**, porém, sustenta que é somente a ela que cabe a decisão, visto que, por força da anulação do casamento, **Bernardo** deixou de ser juridicamente o pai de **Anita**. Quem tem razão? (4 valores)

Tudo indica que a filiação de **Anita** se terá estabelecido, no que respeita à maternidade, por declaração feita por **Cristina** (1796.º/1, 1803.º e 1804.º), e, quanto à paternidade, através de presunção *pater is est* a favor de **Bernardo** (1796.º/2 e 1826.º). O facto de o casamento de **Cristina** e **Bernardo** ter sido anulado não altera esta conclusão, uma vez que, nos termos do artigo 1827.º, a anulação do casamento civil, ainda que contraído de má fé por ambos os cônjuges, não exclui a presunção de paternidade. Como vimos na resposta à questão anterior, tanto **Cristina** como **Bernardo** estavam de má fé para efeitos de casamento putativo, na medida em que conheciam o facto do qual decorria o vício que determinava a anulabilidade do casamento; contudo, a presunção de paternidade é um efeito do casamento que a lei salvaguarda em qualquer circunstância. Por conseguinte, não tem razão **Cristina** ao querer afastar **Bernardo** da decisão quanto ao infantário de **Anita**, visto que, tratando-se de uma questão de particular importância, deve ser decidida de comum acordo por ambos os progenitores, nos termos do artigo 1906.º/1.

Ponderação global: 1 valor